

Editorial

Religião, justiça e paz: uma articulação urgente e necessária na Atualidade

Religion, justice and peace: an urgent and necessary articulation in the present days

João Batista Cesário¹

O *Núcleo de Fé e Cultura* é um organismo complementar na estrutura organizacional da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) e, dentre outras atribuições, tem a responsabilidade de “fomentar a reflexão sobre os problemas relacionados com o desenvolvimento econômico, social e cultural, com ênfase na ética e tendo em vista a humanização da sociedade”².

Almejando a formação integral dos membros da comunidade universitária, o *Núcleo* realiza periodicamente colóquios, seminários, encontros e debates sobre temas que fomentam o diálogo entre a fé e a cultura ou entre a teologia e as ciências, fazendo ecoar na Universidade os ensinamentos do Magistério da Igreja.

Assim, no exercício de sua missão institucional, nos dias 2 e 3 de maio de 2018, o Núcleo de Fé e Cultura promoveu o Colóquio “*Religião, justiça e paz*”³. Pertinente e relevante, esta temática ganhou ainda mais importância no início do século XXI, quando a humanidade tem assistido atônita à emergência de conflitos religiosos ou pseudo-religiosos em diversas partes do

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Departamento da Pastoral Universitária e Núcleo de Fé e Cultura. R. Prof. Dr. Eurycles de Jesus Zerbini, 1516, Parque Rural Fazenda Santa Cândida, 13087-571, Campinas, SP, Brasil. E-mail: <joabatistacesario@gmail.com>.

² Núcleo de Fé e Cultura da PUC-Campinas. Proposta (objetivos). Disponível em: <<https://www.puc-campinas.edu.br/nucleo-de-fe-e-cultura/#1457635710636-10174772-df8e>>. Acesso em: 30 maio 2019.

³ O evento contou com a seguinte programação: 2 de maio de 2018 – Auditório Cardeal Agnelo Rossi, *Campus I*, 9h30min: Conferência de abertura: “Os cristãos do Oriente entre a perseguição planejada e a indiferença mundial do sistema” – Pe. Georges W. Hobeika, Reitor da Universidade *Saint-Esprit de Kaslik*, Líbano; 19h30min: Conferência “Religião e política: ligações perigosas e justiça em questão nos casos do Oriente Médio” – Profa. Dra. Hoda Nehmé, Pró-reitora de Assuntos Culturais da Universidade *Saint-Esprit de Kaslik*, Líbano; 3 de maio de 2018 – Auditório Cardeal Agnelo Rossi, *Campus I*, 9h30min: Conferência “Religião e Paz: virtude e ação para uma ética da convivência” – Prof. Dr. Hêlerson Silva, Faculdade de Ciências Sociais da PUC-Campinas; 10h30min: Conferência: “Religião e defesa da paz: poder, justiça e responsabilidade coletiva” – Prof. Dr. Douglas Ferreira Barros, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-Campinas; 19h30min: Conferência: “Religião e justiça: uma análise a partir do estudo do Direito” – Prof. Dr. Pedro Pulzatto Peruzzo, Faculdade de Direito da PUC-Campinas; 20h30min: Conferência “Reflexões acerca da correlação entre religião e justiça no mundo contemporâneo” – Prof. Dr. Glauco Barsalini, Faculdade de Ciências Sociais, PUC-Campinas.

mundo. Desde os fatídicos atentados perpetrados contra as torres gêmeas, em *New York*, em 11 de setembro de 2001, houve um recrudescimento de práticas violentas no mundo. De um lado, atentados terroristas motivados por fundamentalismo religioso se multiplicaram em todos os continentes⁴; de outro, guerras e técnicas violentas de repressão, contraterrorismo e até mesmo de terrorismo de estado⁵ se ampliaram imensamente, produzindo, ambos, um rastro de sangue e morte, que têm vitimado um inumerável contingente de pessoas inocentes no Oriente Médio, na Europa, na Ásia, na África e em outras partes do mundo⁶.

Refletindo sobre esse cenário, o Papa Francisco avalia que há uma espécie de terceira guerra mundial em curso, “combatida por pedaços”⁷, evidenciada por tantos crimes hediondos; massacres sangrentos; assassinatos; pelo número crescente de pessoas que, em razão de sua pertença étnica ou credo religioso, são decapitadas, crucificadas, queimadas vivas ou forçadas a abandonar seus países, aumentando dia a dia o contingente de refugiados ao redor do mundo.

No início de 2019, na primeira viagem de um Papa à Península Arábica, entre outras atividades, Papa Francisco participou de um encontro inter-religioso em Abu Dhabi, capital dos Emirados Árabes Unidos, ocasião em que pronunciou discurso encarecendo a relação entre religião, justiça e paz. Francisco, que afirmara em Assis que “a paz é o nome de Deus”⁸ e que não existe guerra santa porque “só a paz é santa”⁹, apresentou-se no berço do Islã “como irmão que procura a paz com os irmãos”¹⁰. Afirmou que a religiosidade autêntica consiste em amar a Deus e ao próximo, vencendo sempre a tentação de considerar o outro, o diferente, como inimigo; afinal, “religiosamente, não há violência que se possa justificar”¹¹. Chamou atenção para o perigo da instrumentalização da religião que, ao admitir a violência e o terrorismo, nega-se a si mesma.

⁴ De acordo com infográfico produzido pelo jornal “O Globo”, compilando informações da organização *The Global Terrorism Database* (GTD), entre os anos 2000 e 2014 foram contabilizadas cerca de 70 mil ações ou atentados terroristas ao redor do mundo. Cf. ATAQUES TERRORISTAS no mundo desde 1970. *O Globo*, [s/d]. Disponível em: <<https://infograficos.oglobo.globo.com/mundo/ataques-terroristas-no-mundo-desde-1970.html>>. Acesso em: 30 maio 2019.

⁵ Em pesquisa sobre o tema terrorismo de estado, o autor elenca as quantidades de armas, mísseis e bombas utilizadas no ataque ao Afeganistão pelas tropas norte-americanas, em 2001, como resposta aos atentados terroristas às torres gêmeas de *New York* e se pergunta: “existe terrorismo maior que a guerra?” (p.149). Em seguida constata que “em nível internacional, alguns termos como ‘intervenção humanitária’, ‘bombas inteligentes’ ou ‘guerra contra o terror’ servem para eufemizar a violência praticada pelo Estado. E o termo ‘terrorismo’ aparece como o grande mal a ser combatido” (p.151). Cf. LEITE FILHO, J.C. *Anotações e reflexões sobre o terrorismo de estado*. 2002. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

⁶ De acordo o “Índice Global de Terrorismo” (GTI, na sigla em inglês), levantamento realizado pelo Instituto para Economia e Paz (IEP), sediado na Austrália, EUA e México, desde o início da chamada “Guerra ao Terror”, em 2001, até 2014, 123 países ao redor do mundo sofreram atentados terroristas, com um saldo de 107 mil vítimas fatais. Cf. ATAQUES TERRORISTAS crescem desde início da Guerra ao Terror. *Terra Notícias*, 27 de março de 2015. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/ataques-terroristas-crescem-desde-inicio-da-guerra-ao-terror,6cd1a4f01ae2c410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 28 maio 2019.

⁷ Cf. FRANCISCO, Papa. *Homilia na santa missa celebrada no Sacrário Militar de Redipuglia por ocasião do centenário do início da Primeira Guerra Mundial*. Fogliano Redipuglia – Itália, 13 de setembro de 2014. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140913_omelia-sacrario-militare-redipuglia.html>. Acesso em: 30 maio 2019. Cf. FRANCISCO, Papa. *Saudação do Santo Padre no início da santa missa para os fiéis de rito armênio* (2º domingo de Páscoa ou da Divina Misericórdia). Roma, 12 de abril de 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150412_omelia-fedeli-rito-armeno.html>. Acesso em: 30 maio 2019.

⁸ FRANCISCO, Papa. *Palavras do Santo Padre na Jornada de oração pela paz “Sede de paz: religiões e culturas em diálogo”*. Assis, Itália, 20 de setembro de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/september/documents/papa-francesco_20160920_assisi-preglhiera-pace.html>. Acesso em: 30 maio 2019.

⁹ *Ibid.*, 2016.

¹⁰ FRANCISCO, Papa. *Discurso no Encontro Inter-Religioso no Founder’s Memorial*, Abu Dhabi-Emirados Árabes Unidos, 4 de fevereiro de 2019. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190204_emiratiarabi-incontrointerreligioso.html>. Acesso em: 25 maio 2019.

¹¹ *Ibid.*, 2019.

Apelou para a coragem da alteridade (reconhecimento do outro e de sua liberdade) que dispõe para o diálogo fraterno e para a oração que restaura a fraternidade.

Fazendo analogia com a costumeira imagem da pomba da paz, Papa Francisco afirmou que, para levantar voo, a paz precisa de duas asas que a sustentem: a educação e a justiça. Para o Pontífice, “educação e violência são inversamente proporcionais”¹², e “paz e justiça são inseparáveis”¹³; de forma que, separada da justiça, a paz morre e a justiça, se não for universal, torna-se injustiça. Convicto de que “Deus está com o homem que procura a paz”¹⁴, Papa Francisco fez um apelo veemente:

Não há alternativa: ou construiremos juntos o futuro ou não haverá futuro. De modo particular, as religiões não podem renunciar à tarefa impelente de construir pontes entre os povos e as culturas. Chegou o tempo de as religiões se gastarem mais ativamente, com coragem e ousadia e sem fingimento, por ajudar a família humana a amadurecer a capacidade de reconciliação, a visão de esperança e os itinerários concretos de paz [...] Que as religiões sejam voz dos últimos [...] e estejam da parte dos pobres; velem como sentinelas de fraternidade na noite dos conflitos, sejam apelos diligentes à humanidade para que não feche os olhos perante as injustiças e nunca se resigne com os dramas sem conta no mundo¹⁵.

Por aí se vê a urgência e pertinência da discussão proposta por esse Colóquio organizado pelo Núcleo de Fé e Cultura da PUC-Campinas, cuja abertura contou com a presença do magnífico reitor padre Georges Hobeika e da pró-reitora de Assuntos Culturais, Professora Doutora Hoda Nehmé, da Universidade *Saint-Esprit de Kaslik*, no Líbano, que proferiram conferências acerca do tema “Religião, justiça e paz”, enfocando a realidade contextual do Oriente Médio, marcada permanentemente por conflitos e tensões político-religiosas.

No segundo dia do Colóquio, as conferências foram divididas em dois blocos: “Religião e Paz” e “Religião e Justiça”. De início, o professor Helerson Silva apresentou a conferência “*Religião e paz: virtude e ação para uma ética da convivência*”, na qual, partindo de uma interpretação política do célebre texto “*Ética a Nicômaco*”, de Aristóteles (384-322 a.C.), buscou investigar o influxo de conceitos vigentes na época – como a isocracia ateniense ou democracia participativa –, no pensamento do filósofo, bem como identificar a contribuição desse pensamento no mundo ocidental. Segundo sua perspectiva, na concepção aristotélica, “a arte da política deve se ocupar com a pesquisa da virtude humana” (*aretê*) que, na verdade, é uma dupla virtude, moral e intelectual.

O horizonte final da vida em sociedade (*na polis*) é a felicidade. No entanto, a virtude moral por si só não é suficiente para se alcançar a felicidade, tampouco a paz. Para isso, é necessário agir racionalmente, articulando as virtudes intelectual e prudencial. Todavia, por conta do conflito entre nomia e anomia e por falta de um contrato social para disciplinar as relações internacionais nasce a teoria da guerra justa.

¹² Cf. FRANCISCO, Papa, 2019.

¹³ *Id.*, 2019.

¹⁴ *Id.*, 2019.

¹⁵ *Id.*, 2019.

A partir daí o professor Helerson percorreu a história política do Ocidente, destacando momentos cruciais de busca pela paz, salientando que o binômio religião-paz sempre esteve presente no difícil exercício de procurar o desejado equilíbrio para a convivência humana no planeta. Nesse balanço, o Cristianismo tem contribuição imprescindível “na tarefa de moldar o caráter e a alma do sujeito visando produzir uma ética centrada na práxis da convivência pacífica e feliz entre todos”.

Em seguida, o filósofo Douglas Ferreira Barros, com a conferência “*Religião e defesa da paz: poder, justiça e responsabilidade coletiva*”, debateu a relação entre religião e promoção da paz a partir das concepções filosóficas de Santo Agostinho (354-430), Marsílio de Pádua (1275-1342) e Thomas Hobbes (1588-1679), evidenciando como estes últimos inovaram em relação àquele. Em seguida, mostrou como esse debate avançou na história desde o fim da modernidade, com Immanuel Kant (1724-1804), até a contemporaneidade, constituindo-se num “genuíno e atual problema ético-político”.

Em sua exposição, ele identificou distintos movimentos argumentativos acerca da questão da paz, mostrando, de início, como algumas abordagens se concentram em aspectos que contemplam a paz na exterioridade do homem, ou seja, se referem à realização da paz nas instituições políticas e nas relações inter-humanas. Em seguida, buscou identificar em que medida a paz não depende unicamente de determinados arranjos de poder e da necessária submissão dos indivíduos a esses arranjos. Por fim, refletindo sobre alguns parágrafos do compêndio da Doutrina Social da Igreja, demonstrou como a discussão sobre a paz se deslocou da perspectiva de resultado da acomodação dos indivíduos aos arranjos de poder à concepção de defesa da justiça e exigência de novas relações humanas e responsabilidade coletiva.

De acordo com Douglas Ferreira Barros, na obra *Cidade de Deus*, Santo Agostinho “fornece o enquadramento cristão no interior do qual a posteridade filosófica ocidental desdobrará distintas abordagens acerca da paz”. Na visão agostiniana, a paz coletiva decorre da obediência a Deus. Com Marcílio de Pádua ocorre uma inflexão nessa compreensão, posto que, em sua concepção, é necessária a separação Estado-Igreja, de forma que as instituições políticas que regulam as ações humanas se movam desconectadas do plano da transcendência. Hobbes, por sua vez, defende a criação de uma instância de poder instituída pelo “pacto mútuo entre os indivíduos e pela transferência ao soberano do direito natural de preservação da própria natureza destes”, o que pacifica as relações de conflito na sociedade, evitando a guerra de todos contra todos. Kant, em *A paz perpétua*, propõe que os cidadãos ajam como interventores pela paz e participantes do Estado, na medida em que depende de eles escolherem, ou não, fazer a guerra. Essa escolha se dá, sobretudo, por meio do estabelecimento de uma constituição republicana, cujo escopo é a conquista da paz.

Por seu turno, a Doutrina Social da Igreja vai além dessas perspectivas, propondo que “a promoção da paz e da justiça não deve se restringir mais às instituições que concentram poder”. A paz é dom de Deus e a guerra é a falência do humanismo. Assim, batalhar pelo estabelecimento da paz é tarefa que envolve a todos: religiões e crenças diversas, homens e mulheres, cidadãos, crentes e não crentes, pois que, se evitar a guerra é responsabilidade coletiva, de igual modo o é a responsabilidade de promover o desenvolvimento.

No segundo bloco, o professor Pedro Pulzatto Peruzzo apresentou a conferência “*Religião e justiça: uma análise a partir do estudo do Direito*”, refletindo “sobre a relação entre religião e

justiça à luz da Constituição Federal de 1988 e do sentido dos direitos humanos como instrumento de construção solidária da paz". Sua abordagem teve um viés antropológico que considera o Direito na realidade e os indivíduos concretos como sujeitos de direito, de cultura, de religião, etc.

Ora, se o Direito é instrumento de realização da justiça, então não pode ser tratado como conceito abstrato a ser realizado por sujeitos igualmente abstratos. Antes, deve ser um regramento jurídico criado, interpretado e aplicado por sujeitos concretos. Nessa compreensão se inserem os Direitos Humanos que se firmaram após momentos de guerras, dor e destruição que feriram gravemente a dignidade humana. De acordo com o Compêndio da Doutrina Social da Igreja, a fonte última dos Direitos Humanos não está no Estado ou nos poderes públicos, mas no homem e em Deus, seu Criador. De forma que, segundo o conferencista, a experiência comunitário-religiosa pode ter mais força de inculcar nos seres humanos os valores e as práticas da justiça e da paz do que o ordenamento jurídico. As religiões, com sua ação evangelizadora, têm enorme potencial para disseminar valores humanos e promover processos democráticos pacíficos em vista da realização da justiça no mundo.

Por fim, concluindo o segundo bloco de reflexões do Colóquio, sobre Religião e Justiça, o professor Glaucio Barsalini apresentou a conferência "*Reflexões acerca da correlação entre Religião e Justiça no mundo contemporâneo*". Explicitando o conceito de religião, segundo o pensamento do sociólogo Émile Durkheim (1858-1917), e o conceito de justiça, na perspectiva do jurista Hans Kelsen (1881-1973), o conferencista buscou contextualizar estes conceitos na modernidade e contemporaneidade, relacionando-os entre si.

Em seguida, discuti a questão da justiça social, relacionando a teorização acerca da justiça, elaborada pelo filósofo norte-americano Michael J. Sandel, com os princípios da Doutrina Social da Igreja a partir de alguns documentos do magistério pontifício e do episcopado latino-americano. Após analisar e cotejar o pensamento dos teóricos elencados com o Ensino Social da Igreja, presente especialmente nos documentos eclesiais *Matter et Magistra* (1961), *Pacem in Terris* (1963), *Gaudium et Spes* (1965), *Populorum Progressio* (1967) e as conclusões da Conferência Episcopal de *Medellín* (1968), o conferencista concluiu que, "no mundo secularizado, a religião está presente, constituindo-se, mesmo, como fundamento das relações sociais e de poder" e que, na atualidade, religião e justiça devem atuar juntas em vista da efetivação da justiça social, de forma concreta, na vida das pessoas.

Compõe, ainda, este número dos *Cadernos de Fé e Cultura*, importante artigo de Maria Liliâne Oliveira do Nascimento em coautoria com o professor Renato Kirchner: "*Uma base ética das religiões mundiais em prol de uma ética mundial*". No artigo, os autores refletem sobre a *Declaração de Ética Mundial*, proposta pelo teólogo Huns Küng no Segundo Parlamento das Religiões Mundiais, realizado em Chicago, nos Estados Unidos da América, em 1993. Atualmente, a humanidade enfrenta uma crise fundamental, que se manifesta como crise na economia mundial, crise da ecologia mundial e crise da política mundial. Nesse cenário, emergem situações de sofrimento e violência que agridem de muitas formas a vida humana, como fome, desemprego, conflitos bélicos, criminalidade, drogadição, constantes ameaças aos ecossistemas, manifestações de fanatismo religioso e político, xenofobia, entre outros fatores que provocam medo, insegurança e instabilidade.

Diante disso, as religiões mundiais podem colaborar significativamente com a necessária transformação social por meio do estabelecimento de uma ética mundial para balizar a convivência

humana e garantir a sustentabilidade da vida no planeta. Nesse sentido, a *Declaração de Ética Mundial*, nascida da reflexão do Parlamento das Religiões Mundiais, propõe um consenso fundamental mínimo a partir de valores obrigatórios, parâmetros inamovíveis e atitudes morais básicas que sobrelevam a dignidade humana. Não matar, não roubar, não mentir e comprometer-se com uma cultura de igualdade de direitos entre homens e mulheres são algumas das exigências dessa nova ética mundial brotada do empenho e do consenso das religiões mundiais. Se “não há paz mundial sem justiça mundial”, as religiões mundiais têm grande responsabilidade na conquista da paz e no estabelecimento de novas relações éticas e fraternas no mundo, garantia de futuro para a humanidade.

Enfim, para fomentar o debate iniciado sobre “*Religião, justiça e paz*”, o *Núcleo de Fé e Cultura da PUC-Campinas* reúne neste Caderno estas reflexões, desejando que esse debate se amplie, transborde os limites da Universidade e contribua com a construção de uma sociedade justa e solidária, que seja sinal do Reino de Deus no mundo. A nos animar nessa reflexão seguem ecoando as palavras do Papa Francisco, que soam como desafio e convocação:

A fraternidade humana impõe-nos, a nós representantes das religiões, o dever de banir toda a nuance de aprovação da palavra guerra [...] Juntos, irmãos na única família humana querida por Deus, comprometamo-nos contra a lógica da força armada, contra a monetarização das relações, o armamento das fronteiras, o levantamento de muros, o amordaçamento dos pobres; oponhamos a tudo isto a força suave da oração e o empenho diário no diálogo¹⁶.

Referências

ATAQUES TERRORISTAS no mundo desde 1970. Rio de Janeiro, *O Globo*, [s/d]. Disponível em: <<https://infograficos.oglobo.globo.com/mundo/ataques-terroristas-no-mundo-desde-1970.html>>. Acesso em: 30 maio 2019.

ATAQUES TERRORISTAS crescem desde início da Guerra ao Terror. *Terra Notícias*, 27 março de 2015. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/ataques-terroristas-crescem-desde-inicio-da-guerra-ao-terror,6cd1a4f01ae2c410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 28 maio 2019.

FRANCISCO, Papa. *Homilia na santa missa celebrada no Sacrário Militar de Redipuglia por ocasião do centenário do início da Primeira Guerra Mundial*. Fogliano Redipuglia – Itália, 13 de setembro de 2014. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140913_omelia-sacrario-militare-redipuglia.html>. Acesso em: 30 maio 2019.

FRANCISCO, Papa. *Saudação do Santo Padre no início da santa missa para os fiéis de rito armênio* (2º domingo de Páscoa ou da Divina Misericórdia). Roma, 12 de abril de 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150412_omelia-fedeli-rito-armeno.html>. Acesso em: 30 maio 2019.

FRANCISCO, Papa. *Palavras do Santo Padre na Jornada de oração pela paz “Sede de paz: religiões e culturas em diálogo”*. Assis-Itália, 20 de setembro de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/september/documents/papa-francesco_20160920_assisi-preghiera-pace.html>. Acesso em: 30 maio 2019.

FRANCISCO, Papa. *Discurso no Encontro Inter-Religioso no Founder’s Memorial*, Abu Dhabi-Emirados Árabes Unidos, 4 de fevereiro de 2019. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190204_emiratiarabi-incontrointerreligioso.html>. Acesso em: 25 maio 2019.

LEITE FILHO, J.C. *Anotações e reflexões sobre o terrorismo de estado*. 2002. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

¹⁶ Cf. FRANCISCO, Papa, 2019.

Como citar este artigo/*How to cite this article*

CESÁRIO, J.B. Religião, justiça e paz: uma articulação urgente e necessária na Atualidade. *Cadernos de Fé e Cultura*, v.4, n.1, p.1-6, 2019. <https://doi.org/10.24220/2525-9180v4n12019a4663>